

# Políticos avaliam questão da dívida

Andrei Meirelles

O governo brasileiro quer reduzir o pagamento dos juros da dívida externa em negociação com os credores internacionais, mas já se prepara para a hipótese de ter de tomar uma decisão unilateral. Nas últimas horas, ministros estão fazendo sondagens junto a diversos setores da sociedade numa avaliação prévia de como reagiriam a um quadro de dificuldades internas decorrentes de eventuais represálias externas a uma declaração de moratória pelo Brasil.

Na quinta-feira à noite, o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, impressionado com a manifestação popular em Brasília contra o pacote econômico, reuniu em sua residência os governadores eleitos Miguel Arraes e Pedro Simon, o senador Fernando Henrique Cardoso e o deputado Pimenta da Veiga, para uma avaliação da situação. Resultado: decidiram transformar a questão da dívida externa em um objetivo imediato do partido.

O deputado Pimenta da Veiga, líder do governo, resolveu permanecer neste final de semana em Brasília para acompanhar o trabalho que está sendo feito, em ritmo acelerado, por economistas ligados ao partido, sobre as opções de encaminhamento da dívida externa. Dentre elas, a suspensão de seu pagamento. O deputado Ulysses Guimarães decidiu cancelar sua viagem à Assembléia Geral da ONU no final da próxima semana.

## Importância

Em entrevista, Pimenta da Veiga destacou a importância da reunião na casa de

Ulysses, explicando que o PMDB tinha a solução da dívida como uma proposta, mas agora a transformou em «objetivo partidário. Temos de definir uma proposta imediata e já estamos com a estrutura de trabalho mais ou menos montada. Queremos que a dívida externa se transforme o quanto antes na grande questão nacional».

— A matriz dos problemas brasileiros — acrescentou Pimenta da Veiga — é a dívida externa. Se resolvermos este problema, todos os demais passam a ser secundários. Estamos convencidos de que é preciso tratar deste assunto de modo definitivo. O problema tem que ser enfrentado com energia.

Na reunião na residência de Ulysses, os participantes concluíram que senão houver uma redução significativa dos juros anualmente pagos pelo Brasil, o país poderá enfrentar uma explosão social. Impressionados com o que assistiram no final da tarde na Esplanada dos Ministérios, as lideranças do PMDB chegaram à conclusão de que sem solucionar o problema da dívida externa o próprio processo de transição democrática corre sérios riscos.

Esses argumentos, segundo a cúpula do PMDB, devem ser colocadas na mesa de negociação, particularmente com o Clube de Paris, formado pelos credores governamentais dos países ricos. Este é o fórum considerado adequado para viabilizar uma negociação política da dívida externa. O ministro Dilson Funaro já fez um intenso trabalho de convencimento junto às

autoridades econômicas dos países industrializados e, em entrevistas, declara-se otimista com um resultado positivo do exame da proposta brasileira pelo Clube de Paris. A reunião está prevista para o dia 15 de dezembro.

## Alfonsín

Nesse esforço concentrado para resolver o problema da dívida externa, é também dado destaque à vinda ao Brasil, no dia 11 de dezembro, do presidente Raúl Alfonsín, da Argentina. Alfonsín é considerado um aliado natural do Brasil em um possível enfrentamento com os credores externos. Ambos os países reconquistaram recentemente a democracia após longo período de ditadura militar, têm elevadas dívidas externas e um considerável pelo político internacional.

O presidente argentino chegará ao Brasil quando todas as sondagens internas e estudos feitos pelo governo e pelo PMDB estarão concluídos.

Até que se defina a solução para a dívida externa, a preocupação do PMDB e do governo é de conter em níveis suportáveis a insatisfação popular. E a primeira coisa a fazer é evitar a reprodução dos graves incidentes ocorridos em Brasília, quando a ação de pessoas infiltradas na manifestação popular (tudo indica, de grupos de direita), resultaram em atos de vandalismo. O consenso é de que a transição democrática não pode correr riscos, que só interessariam a setores de direita cada vez mais isolados na medida em que avança a democratização do país.